

O Exemplo, a imprensa e os homens “de cor” em Porto Alegre no pós-abolição*

O Exemplo, the press and the “colored” men in Porto Alegre in post-abolition

Melina Kleinert Perussatto

Doutora em História

*Professora Substituta da Universidade Federal da Fronteira Sul
melinaperussatto@gmail.com*

Resumo: São diversos os estudos que têm se valido de jornais da imprensa negra para compreender o “pós-abolição como um problema histórico” (RIOS & MATTOS, 2004), oferecendo à historiografia uma perspectiva distinta sobre a história do Brasil republicano. O presente artigo partiu do jornal *O Exemplo*, existente em Porto Alegre entre 1892 e 1930, para somar-se a esse conjunto de estudos. Enfocou as relações, interlocuções e tensões entretidas na vasta arena da imprensa, no intuito de explicitar a inserção dos jornalistas negros no campo jornalístico porto-alegrense, as lutas travadas contra os estereótipos reproduzidos por jornais de maior circulação na tentativa de afirmar imagens positivas sobre a raça e, nesse sentido, contestar as ideias raciais hegemônicas.

Palavras-chave: Imprensa negra; homens de cor; Porto Alegre.

Abstract: There are several studies that have used newspapers from the black press to understand “post-abolition as an historical problem” (RIOS & MATTOS, 2004), offering to historiography a distinct perspective on the history of republican Brazil. The present article started from the newspaper *O Exemplo*, from Porto Alegre between 1892 and 1930, and approached the relations, interlocutions and tensions in the press’ vast arena, in order to make explicit the insertion of black journalists in the journalistic field porto-alegrense, the struggles against stereotypes reproduced by newspapers of greater circulation in an attempt to affirm positive images about race and challenge the hegemonic racial ideas.

Keywords: Black press, colored men, Porto Alegre.

* Este trabalho contou com o financiamento do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico.

O Exemplo e seus fundadores

Nos idos de 1892, um grupo de jovens homens “de cor” reunia-se diariamente no Salão Calisto para conversar sobre assuntos de alto interesse. Com formações, ocupações e experiências variadas, seus membros compartilhavam o desejo de fazer algo para alterar o estado das coisas, afinal o preconceito de cor seguia encrustado nos costumes da sociedade como um todo, em detrimento das expectativas de igualdade fomentadas pela Abolição pelo advento da República, enfim, de que apenas os talentos e as virtudes hierarquizariam as pessoas. Como provas disso, diante do processo de modernização urbana, expansão industrial, crescimento demográfico e ampliação do ensino público, boa parte da população negra manteve-se em ocupações subalternas, em moradias insalubres e fora das escolas. Destes lugares precisavam lidar com a truculência dos agentes policiais, o tratamento oferecido às crianças negras frequentadoras das aulas públicas, o fechamento do único curso noturno da capital onde os trabalhadores poderiam estudar no turno inverso, a ausência de uma assistência pública dedicada a resolver as graves questões sociais de forma equânime,¹ afora as disputas no mercado de trabalho e nos espaços habitacionais com imigrantes e outras pessoas que confluíam massivamente para a capital e toda sorte de estereótipos produzidos para reforçar o Rio Grande do Sul como a Europa brasileira.²

O grupo de jovens moços “de cor”, entretanto, vivenciava uma situação menos precária: Arthur Pinto Gama (1864-1922), por exemplo, era funcionário público concursado do Tesouro do Estado desde 1885 e Arthur Ferreira de Andrade (1871-1925), dos Correios desde 1891. Este bacharelou-se mais tarde na Faculdade Livre de Direito de Porto Alegre, porém já atuava como advogado desde o final do século XIX. Marcílio Francisco da Costa Freitas (1876-1928), o mais jovem do grupo, era tipógrafo e não tardou a seguir a mesma carreira dos colegas, primeiro nos Correios e depois na Alfândega. Alfredo Cândido de Souza (1866-1834) era farmacêutico na Santa Casa de

¹ A população de Porto Alegre passou de 43.998 habitantes em 1872 para pouco mais 73 mil em 1890, 52.421 em 1900 e 130.227 em 1910 (BRASIL, 1872; BRASIL, 1898; SILVA, 2010: 161). Sobre a vida urbana porto-alegrense e o controle sobre as classes populares no alvorecer republicano, dentre outros, ver: PESAVENTO, 1989 e 1990; MAUCH, 2004; MOREIRA, 2009. Sobre a industrialização do Estado: ARAVANIS, 2010.

² Em 1890, 69,5% da população foi qualificada como branca, 12,5% como preta, 15,5% como parda e 1,5% cabocla (BRASIL, 1898). Dez anos depois, 88,2% era nacional, 11,3% estrangeira e 0,5% de origem ignorada (RIO GRANDE DO SUL, 1981). Ver: OLIVEN, 1996: 13-32. Sobre o posicionamento contrário à construção do Rio Grande do Sul como um Estado branco a partir do grupo originado em meio a essas reuniões, ver: XAVIER, 2013: 103-131; ROSA, 2014.

Misericórdia, onde ingressou como porteiro e consolidou-se como diretor da farmácia; enquanto os irmãos Florêncio Calisto (1863) e Esperidião Calisto (1864) eram barbeiros e filhos do proprietário do estabelecimento, Calisto Felizardo de Araújo (1819-1909), no qual ocorriam as reuniões do grupo, barbearia situada no número 247 da rua dos Andradas, principal via de Porto Alegre.

Por fim, os irmãos Sérgio Aurélio de Bittencourt (1869-1904) e Aurélio Viríssimo de Bittencourt Júnior (1874-1910) eram, respectivamente, funcionário público na Secretaria do Interior e aspirante à Faculdade de Direito de São Paulo, onde não tardou a ingressar. O pai dos dois últimos era Aurélio Viríssimo de Bittencourt (1849-1919), por sua vez, Secretário de Estado da Presidência do Estado nas gestões de Júlio Prates de Castilhos e Antônio Augusto Borges de Medeiros, os dois principais líderes do Partido Republicano Rio-Grandense (PRR) ao longo da Primeira República, bem como de Carlos Barbosa por um curto período. Ademais, Aurélio era um dos mais proeminentes abolicionistas negros da capital, com uma extensa inserção em redes associativas dois mais variados matizes, com passagens pela imprensa e com patente militar.

Além da inserção em espaços de trabalho e educacionais de prestígio, os membros do grupo de jovens homens “de cor” participavam de associações diversas e ao longo de suas vidas adquiriram patentes militares e aderiram ao PRR. Porém, todas essas qualidades, isto é, talentos e virtudes, não foram o bastante para livrá-los dos efeitos do preconceito de cor. Marcílio Freitas recordou-se na década de 1920 que a despeito de Porto Alegre já gozar do “foro de cidade civilizada”, “os descendentes da raça negra” sofriam cotidianamente toda ordem de “vexames”. Dentre os exemplos citados, reportou-se ao cancelamento de um concurso público no ocaso do Império, cujo único aprovado dentre 33 candidatos era um homem negro, à necessidade de famílias e grupos negros portarem licença policial ou certidão de casamento para a realização de bailes e às ridicularizações sofridas durante os festejos carnavalescos. Todos esses, aliás, eram temas frequentes nas reuniões sediadas Salão Calisto e concorreram para a elaboração de um projeto político materializado por meio de um repertório disponível, a imprensa, e sugestivamente nomeado de *O Exemplo* (FREITAS, 1928).

O Exemplo circulou pela primeira vez no dia onze de dezembro de 1892 com um padrão bastante comum a outros hebdomadários da época: 30 centímetros por 21 centímetros, quatro páginas, três colunas e circulação dominical. Por quase quatro décadas, adentrou lares, estabelecimentos comerciais, repartições públicas, praças e outros espaços da capital, do interior do Estado e para além dele, registrando uma das

mais longevas experiências de imprensa negra no país (1892-1930). Houve fechamentos, interrupções e renovações em seu quadro, levando-nos a classificá-lo em três fases de funcionamento: a primeira entre dezembro de 1892 e janeiro de 1897; a segunda entre outubro de 1902 e junho de 1911; e a terceira, entre fevereiro de 1916 e janeiro de 1930. Na tabela seguinte dimensionamos não apenas o significativo volume de edições publicadas, mas também a disponibilidade de 60% das edições para consulta. Vemos ainda que 51% dos exemplares referentes à primeira fase estão disponíveis; 67% referentes à segunda; e impressionantes 97% referentes à última.

Tabela 1

Edições publicadas e disponíveis de O Exemplo, 1892-1930.

	Ano	Edições publicadas	Edições disponíveis
1ª FASE	1892	01	01
	1893	53	43
	1894	52*	04
	1895	43*	02
	1896	42*	00
	1897	03*	01
	Soma	194	51
2ª FASE	1902	11	11
	1903	02	02
	1904	32	32
	1905	23*	05
	1906	22*	00
	1907	22*	00
	1908	23*	02
	1909	49	18
	1910	47	42
	1911	30*	15
	Soma	261	176
3ª FASE	1916	50	40
	1917	51	51
	1918	47	47
	1919	51	51
	1920-1930	390*	381
	Soma	589	570
	TOTAL	1.044	797

Fonte: O EXEMPLO, 1892-1930.

*estimativa.

São diversos os estudos que têm se valido de jornais da imprensa negra para compreender o “pós-abolição como um problema histórico” (RIOS & MATTOS, 2004), oferecendo à historiografia uma perspectiva distinta sobre a história do Brasil republicano. Tendo em vistas as particularidades existentes em cada fase do jornal *O Exemplo*, neste artigo abordamos os primeiros tempos de sua existência. Após apresentarmos os agentes de salvaguarda do periódico, enfocaremos as relações, interlocuções e tensões entretidas na vasta arena da imprensa, no intuito de explicitar a inserção dos jornalistas negros no campo jornalístico porto-alegrense, as batalhas travadas contra os estereótipos reproduzidos por jornais de maior circulação na tentativa de afirmar imagens positivas sobre a raça e, nesse sentido, contestar as ideias raciais hegemônicas.

Guardiões d’O Exemplo

32 A salvaguarda d’*O Exemplo* só foi possível devido à ação de alguns nomes, com destaque ao de Oliveira Silveira, cujo acervo foi disponibilizado recentemente e guarda a maioria dos exemplares correspondentes à primeira fase. Em virtude do centenário do jornal, publicou uma edição *fac-símile* do primeiro número, tecendo valiosos comentários em seu rodapé.³ Em reportagem ao jornal *Correio do Povo* na década de 1970, expressou sua preocupação com a preservação: “*O Exemplo* merece que se escreva em letras grandes nas encadernações de suas coleções: Cuidado, delicado, precioso, patrimônio cultural da comunidade negra em Porto Alegre” (SILVEIRA, 1972). A coleção de Oliveira Silveira pertenceu à Dario de Bittencourt, por sua vez diretor durante os dez últimos anos de existência do periódico (BITTENCOURT, 1958: 163-165). Depois de muito anos considerada perdida, foi localizada por Oliveira Silveira em meados da década de 1980. Conforme Maria Angélica Zubarán, a coleção foi legada em vida a Antônio Lourenço, um de seus colegas de redação, e após a morte deste ficou sob os cuidados de Celeste Maria Maser Lourenço, escritora e viúva de Lourenço. Outra parte da coleção de Dario, referente à época na qual esteve à frente do jornal, está sob a custódia do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, anteriormente custodiada pelo Círculo de

³ Oliveira Ferreira Silveira (1941-2009), foi um importante poeta, jornalista e professor, bem como fundador e ativista do Movimento Negro Unificado. Mais informações podem ser encontradas em: <<http://www.palmares.gov.br/?p=31262>>. Acesso em 20 mar. 2016. Postumamente, seus poemas foram reunidos em: SILVEIRA, 2012.

Investigações e Pesquisas Literárias (ZUBARÁN, 2015: 11). Dario era filho de Aurélio Júnior, um dos fundadores do jornal, e neto, afilhado e tutelado de Aurélio Viríssimo de Bittencourt, um destacado nome da burocracia sul-rio-grandense.

Já a coleção de Agostinho José Lourenço, pai de Antônio Lourenço, encontra-se na Biblioteca Rio-Grandense, de Rio Grande. Nela estão, por exemplo, o original do primeiro número (o mesmo fac-similado por Oliveira Silveira, mas que não está em seu acervo), o último da primeira fase e a edição de refundação de 1902. Agostinho José Lourenço era ligado ao jornal *A Federação*, do qual foi gerente do entre 1906 e 1910, o que possivelmente facilitou seu acesso a uma significativa variedade de jornais. As relações dele com *O Exemplo* podem ser apreendidas por meio da saudação que recebeu de Dario de Bittencourt – “nosso distinto amigo e confrade” – quando seu filho, Antônio Lourenço, ingressou no quadro de redatores do jornal em 1923 (*O EXEMPLO*, 1923: 1).

Em suma, as edições d’*O Exemplo* se encontram em diversos acervos: Acervo Pessoal de Oliveira Silveira, Biblioteca Pública Rio-Grandense, Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul,⁴ bem como Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa, Arquivo Histórico de Porto Alegre Moysés Velinho e Biblioteca Nacional, cujos microfilmes encontram-se no Núcleo de Documentação Histórica da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e digitalizados na Hemeroteca Digital.⁵ Vale destacar o projeto de digitalização e reunião desses acervos, coordenado por Maria Angélica Zubarán (2015), e disponibilizado online.⁶

Graças a esses agentes e instituições de salvaguarda, um dos objetivos do jornal pode ser cumprido, qual seja, “se não conseguirmos o levantamento da nossa classe, ao menos não deixaremos jazer no pó do olvido, imersa em sua mediocridade” (*A REDAÇÃO*, 1892). Para além de outros sentidos, está o desejo de produzir um registro sobre as memórias do grupo e sua identidade, ainda que o projeto não alcançasse seu fim. Lembremos que se tratava de um contexto de emergência do ideário positivista, para o qual concorria o arquivamento de documentos e o registro de memórias para subsidiar futuramente pesquisas sobre o passado histórico. Este, aliás, foi um dos fins que a

⁴ Hemeroteca Digital do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul (IHGRGS). Disponível em: <<http://www.ihgrgs.org.br/>>. Acesso em 02 jul. 2017.

⁵ Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx>>. Acesso em 20 mar. 2016.

⁶ A base está disponível em: <<http://culturadigital.br/jornaloexemplo/>>, acesso em 02 jul. 2017. Nesse endereço também pode ser encontrado o catálogo do projeto.

imprensa acabou assumindo um repertório acessado por grupos negros desde antes da República.

“Na vasta arena da imprensa”

Sobre a inserção d’*O Exemplo* no meio jornalístico, as primeiras linhas do editorial de fundação assim registraram: “Surge hoje na vasta arena da imprensa *O Exemplo*, que, nascido de uma dessas elevações do espírito, tão peculiares à mocidade, é lançado aos vendavais da publicidade a impetrar o último lugar nos domínios do jornalismo da Capital” (A REDAÇÃO, 11/12/1892, p. 1).

Esta afirmação nos leva aos usos do jornal como fonte ou objeto de pesquisa. Em um cenário no qual esse procedimento ainda era visto com resistência, Maria Helena Capelato e Maria Lígia Prado explicitaram que a “escolha de um jornal como objeto de estudo justifica-se por entender-se a imprensa fundamentalmente como instrumento de manipulação de interesses e de intervenção na vida social” (CAPELATO & PRADO, 1980: 19). Nessa esteira, há que se fazer a crítica interna da fonte, tão cara ao exercício historiográfico, e não apenas pinçar informações: “Atribui-se equivocadamente à informação valor neutro, desconsiderando-se as suas condições de produção e a carga subjetiva mantida por toda e qualquer fonte”, postulou Cláudio Elmir (2012: 78). Consideração, aliás, também feita por Robert Darnton (1995: 18): “a notícia não é o que aconteceu no passo imediato, e sim o relato de alguém sobre o que aconteceu”. Trabalhar com a imprensa, portanto, requer alguns cuidados, tais como diferenciar a imprensa enquanto fonte de informação e fonte histórica (ELMIR, 1995) e atentar para o caráter doutrinário e/ou partidário do periódico, a circulação, o acesso e as relações com a política, a autoria, a diagramação e o ambiente da redação (LUSTOSA, 2000; LIMA, 2003; MAUCH, 2004; LUCA, 2005).

É dentro deste debate que situamos o jornal *O Exemplo*, posteriormente enquadrado como “imprensa negra”. Conforme Ana Flávia Magalhães Pinto (2010), a imprensa foi inaugurada no país em 1808 e em 1833 circularam pelas ruas do Rio de Janeiro cinco jornais negros: *O Mulato* ou *O Homem de Cor*; *Brasileiro Pardo*; *O Cabrito*; *O Crioulinho*; e *Lafuente*. Depois, o último quartel daquele século registrou outras iniciativas semelhantes em outros locais do país: *O Homem – realidade constitucional ou dissolução social* (Recife, 1876); *A Pátria – órgão dos homens de cor*

(São Paulo, 1889); *Progresso – órgão dos homens de cor* (São Paulo, 1889); e *O Exemplo – propriedade de uma associação* (Porto Alegre, 1892). Especialmente a partir da segunda década do século XX, novas empreitadas passaram a pulular pelo país (FERRARA, 1981; PINTO, 2013; PEREIRA, 2013). No Rio Grande do Sul, além d’*O Exemplo* tem-se notícias de *A Alvorada* (Pelotas, 1907-65), o mais longevo da imprensa negra do país; *A Hora* (Rio Grande, 1917-34); *A Liberdade* (Bagé, 1919); *A Liberdade* (Porto Alegre, 1921-25); *O Succo* (Santa Maria, 1922-25); *A Tesoura* (Porto Alegre, 1924); *O Astro* (Cachoeira do Sul, 1927-28); e *O Tição* (Porto Alegre, 1978-9).⁷

No Brasil, foi Roger Bastide quem definiu na década de 1950 a “imprensa negra”, “imprensa de cor” ou “imprensa preta” como um órgão simultaneamente de educação, destinado a “agrupar os homens de cor, dar-lhes senso de solidariedade, encaminhá-los, educá-los a lutar contra o complexo de inferioridade”, e de protesto, sobretudo ao denunciar o preconceito de cor. A esse despeito, considerou os jornais produzidos por negros no pós-Abolição em São Paulo como pouco informativos e integrantes de uma “imprensa adicional”, seja pela baixa tiragem ou por abordarem questões que interessavam apenas a “classe da gente de cor” (BASTIDE, 1983: 129-156). Em alguma medida essa visão foi endossada recentemente por Petrônio Domingues ao considerar a atuação do movimento negro organizado durante a Primeira República, particularmente no que concerne à imprensa negra, como “desprovido de caráter explicitamente político, com um programa definido e projeto ideológico mais amplo”. No entanto, antes disso, elencou alguns assuntos abordados por esses jornais, dentre os quais estavam “as mais diversas mazelas que afetavam a população negra no âmbito do trabalho, da habitação, da educação e da saúde, tornando-se uma tribuna privilegiada para se pensar em soluções concretas para o problema do racismo na sociedade brasileira”. Como se isso não fosse uma posição política explícita, na sequência o historiador complementa dizendo que “as páginas desses periódicos constituíram veículos de denúncia do regime de ‘segregação racial’ que incidia em várias cidades do país” (DOMINGUES, 2007: 105).

Tendo em vista a perspectiva thompsoniana, segundo a qual a política e a cultura são deslocadas da superestrutura e inseridas em um complexo jogo de relações de poder e disputas sociais, em meio ao qual os grupos e indivíduos se constituem e forjam projetos

⁷ Alguns deles foram digitalizados pelo projeto “Imprensa negra no Rio Grande do Sul: caminhos para a preservação e a divulgação do patrimônio Afro-Brasileiro”, desenvolvido junto ao Museu da Comunicação Social Hipólito José da Costa. Disponível em: <<http://afro.culturadigital.br/imprensa-negra-no-rio-grande-do-sul/>> (acesso em 02 jul. 2017). Sobre a imprensa negra no Rio Grande do Sul, ver: SANTOS, 2003 e 2011.

políticos próprios e atribuem sentidos a sua realidade, não podemos perder de vista a dimensão política presente nos escritos registrados na imprensa negra durante o referido primeiro período do movimento negro organizado (THOMPSON, 1981 e 1998). Para tanto, basta uma breve leitura de tais periódicos, e não nos referimos apenas a’ *O Exemplo*, para se perceber que os jornalistas ao situarem o suposto “problema do negro” nas estruturas sociais do país, acabavam por escancarar a maneira como a nação republicana e pós-escravista se organizava a partir de linhas de cor e raça. Ou seja, ainda que a lei previsse a igualdade e os homens “de cor” portassem as qualidades exigidas, tais como talentos e virtudes, na prática viam o exercício de sua cidadania e o próprio reconhecimento de sua humanidade constantemente em suspenso.

De acordo com Ana Flávia Magalhães Pinto (2010: 17-18), em uma releitura dos jornais produzidos por homens “de cor” durante o século XIX no país, a imprensa negra foi definida como um conjunto de “jornais feitos por negros; para negros; veiculando assuntos de interesses das populações negras”. Ao revisitar sua pesquisa de mestrado e em resposta aos olhares desconfiados sobre a possibilidade de autoria negra, assinalou que “em qualquer outro país da diáspora, os estudiosos têm pensado experiências dessa natureza como imprensa negra não a partir do registro daquela expressão nas páginas dos periódicos, mas como base em suas características” (PINTO, 2015: 20). Flávio dos Santos Gomes (2005: 32), esmiuçando os temas abordados pelos jornais negros ao longo do pós-abolição, destacou “as condições de vida, a segregação, a falta de oportunidades, o cotidiano do racismo e a violência experimentada pelas populações negras, sobretudo nas cidades”. Essas produções, por consequência, permitem-nos apreender “como um segmento da população negra brasileira percebeu, concebeu, projetou, construiu e, em outros momentos, iniciou a desconstrução de sua própria imagem e presença na sociedade”.

Ademais, José Correia Leite (1992: 33-34), um dos principais nomes da imprensa negra paulista do século XX, afirmou que “As publicações negras davam aquelas informações que não se obtinha em outra parte”. Oliveira Silveira (1992), idealizador do projeto que culminaria na aprovação do 20 de novembro como o dia da consciência negra, em comentários à edição fac-similada do primeiro número d’ *O Exemplo*, conectou-o com a “imprensa negra paulista, tão atuante a partir da segunda década do século 20”, e considerou seu surgimento um “marco da história da imprensa brasileira”. Já os fundadores localizaram *O Exemplo* “na vasta arena da imprensa”, desejosos de “impetrar o último lugar nos domínios do jornalismo da Capital” (A REDAÇÃO, 1892: 1). Enfim,

ao se colocarem como porta-vozes de um grupo específico e abordarem os problemas que lhes atingiam em particular, os jornalistas negros estavam, em realidade, falando de problemas concernentes a toda sociedade e lançando “aos vendavais da publicidade” uma perspectiva ainda pouco registrada sobre aqueles tempos.⁸

Para além das questões estruturais que não nos deixam olhar a experiência d’*O Exemplo* descolada de seu tempo e espaço, sua redação foi sediada em uma sala aos fundos do Salão Calisto, importante barbearia e centro de sociabilidade sediado na principal rua do centro da capital sul-rio-grandense, a rua dos Andradas. O estabelecimento ficava nas cercanias das sedes de alguns dos principais jornais da capital, tais como *A Federação* e *Correio do Povo*, além de alguns dos fundadores transitarem pelas oficinas tipográficas da *Folha Nova* e d’*O Mercantil*, onde o jornal era impresso. Só isso já é o bastante para diluirmos qualquer impressão de que se tratava de uma imprensa adicional. Enfim, foi um projeto idealizado e executado por um grupo de homens “de cor” inseridos em diversos âmbitos da sociedade, bastante informados e partícipes.

Um jornal “literário, crítico e noticioso”

37

A fim de reiterarmos que não se tratava de uma experiência apartada de sua realidade, ou com temas adicionais e desinteressantes, vejamos como a edição comemorativa ao primeiro ano do jornal registrou a recepção dos colegas da imprensa. Por esta ocasião, o editor Arthur de Andrade (1893b: 1) descreveu *O Exemplo* como um jornal “literário, crítico e noticioso”, predicado comum a outros periódicos em circulação. *A Gazeta Americana* e a *Gazetinha*, “dois de nossos distintos colegas da capital”, destacaram, respectivamente, “as páginas em letras douradas” nas quais estavam “matéria escolhida e variada” e “pequeno periódico que se publica nesta cidade”, sem atribuir-lhe qualquer outro adjetivo (O EXEMPLO, 17/12/1893: 3; 23/12/1893: 3). O segundo era um reconhecido semanário operário, de viés socialista.

⁸ Se tratava de uma época em que os jornais possuíam colorações políticas e posicionamentos ideológicos explícitos. Segundo Antonio Hohlfeldt (2007: 315), após a guerra civil de 1835-1845 até o final daquele século, estruturou-se no Rio Grande do Sul “uma imprensa partidária ou panfletária *civil*”, permeada pelo surgimento da “imprensa literária” na década de 1860 e da “imprensa operária” na de 1880, bem como do “conceito de *empresa jornalística*”, caracterizado pela maior preocupação com a interlocução com a audiência. Ainda que não tenha mencionado *O Exemplo*, ele surgiu neste contexto.

Já o *Jornal do Comércio* e *A Federação*, “os mais conceituados colegas desta capital”, assinalaram-no, respectivamente, como “pequeno semanário que advoga os interesses do proletariado” e “periódico de proletários que aqui se publica uma vez por semana”. Somente a *Folha Nova*, em cujas oficinas trabalhava o gerente d’*O Exemplo* no momento de sua fundação, reforçou o caráter atribuído pelo editor, qual seja, “periódico crítico e literário”, sem mencionar o “noticioso” (*O EXEMPLO*, 17/12/1893: 3). Se por um lado isso confirma que as pautas do mundo do trabalho se faziam presentes em suas páginas desde seus primeiros tempos, por outro revela como os jornais de maior circulação enquadraram-no dentro de uma categoria específica, um jornal operário, ao invés de integrá-lo ao conjunto da imprensa ou no rol dos jornais críticos, literários e noticiosos. É provável que tenha concorrido para isso artigos como aquele no qual o editor recriminava o fechamento das portas de armazéns e vendas aos domingos. Imposta aos proprietários pela municipalidade, embora “acolhida com aplauso pelo grosso dos caixeiros porto-alegrenses”, foi considerada “uma medida que veio prejudicar imensamente às classes menos abastadas [...] que, vivendo do trabalho cotidiano, recebe seus vencimentos nos sábados à noite e dispõem de pouquíssimo tempo para atenderem às múltiplas necessidades de suas famílias”. Portanto, “Se não fosse desumano contemplar-se uma família reduzida a necessidades, que resultam da falta de humanidade dos poderes públicos e daqueles que devem proteger os seus subordinados, por certo não nos acharíamos aqui a pedir-lhes, em nome dos oprimidos, que remedeiem esses males, já que não os podem extinguir de todo” (ANDRADE, 1893a: 1).

Chamou-nos atenção o fato de não ter sido este o tom adotado na saudação feita pel’*A Federação* um ano antes: “Apareceu nesta capital o 1º número d’*O Exemplo*, um pequeno periódico literário. Agradecemos o exemplar que nos foi remetido” (*A FEDERAÇÃO*, 1892: 1). A esse despeito, embora a folha republicana não tenha assinalado também seu caráter crítico e noticioso, a literatura deve ser compreendida como um espaço político, ainda mais quando apropriada por setores sociais cujo acesso ao letramento era muito mais difícil por questões de classe, mas também de raça, sem falar na escassez de oferta (CHALHOUB & PEREIRA, 1998; CHALHOUB, 2003). Foi aprovada em 1837 uma lei que vetava a matrícula de pessoas de cor preta, ainda que livres, nas escolas públicas primárias do Rio Grande do Sul e no contexto de desmonte desse veto e de crescimento da população negra desvinculada da escravidão, crianças negras sentiam literalmente na pele a discriminação e a segregação baseada em linhas de cor ou raça nas escolas públicas da capital. Portanto, o desejo de mostrar “à sociedade

que também temos um cérebro que se desenvolve segundo o grau de estudo a que o sujeitemos”, manifestado no editorial de estreia, cumpria o fim de provar aos “doutrinários que julgam o homem pela cor da epiderme” ou àqueles que desconhecem suas “legítimas aspirações” que também poderiam se “alistar nas cruzadas empreendidas pela inteligência”, para as quais certamente concorria a produção literária (A REDAÇÃO, 1892: 1).

Tendo em vista as ideias de raça vigentes, os fundadores d’*O Exemplo* previram de antemão que ao ser lançado “aos vendavais da publicidade”, o hebdomadário geraria debates e polêmicas, afinal surgiu com o intuito de ser um órgão de representação dos interesses de um grupo de jovens “homens ‘de cor’” no contexto em que o Brasil se projetava como nação republicana e pós-escravista e o Rio Grande do Sul, em particular, como a Europa brasileira. Embora abordando os escritos registrados a partir da segunda fase do periódico, as considerações trazidas por Regina Xavier (2013) e Marcus Rosa (2014) torna-se oportunas. Se autores como Oliveira Vianna, Campos Júnior e Salis Goulart, influenciados pelas teorias raciais e pelo branqueamento, buscavam a partir da década de 1920 construir uma imagem do Estado como sendo “ eminentemente branco, superior, com feições europeias, potencialmente preparado para desenvolver-se de acordo com sua vocação democrática e igualitária”, por outro, os jornalistas negros desenharam “a imagem de uma sociedade extremamente hierarquizada e desigual” (XAVIER, 2013).

Como consequência, a necessidade de combater a produção da invisibilidade negra nas imagens sobre o Estado. Portanto, a inscrição do projeto em seu contexto evidencia-se ainda no tensionamento da ideia de raça baseada na crença de que as diferenças biológicas e fenotípicas existentes entre os seres humanos eram medidas adequadas para a hierarquização social (BANTON, 1979; WADE, 1993 e 2000). Recuperando os trabalhos de Liane Müller (2013), José Antônio dos Santos (2011) e Ana Flávia Magalhães Pinto (2010), Marcus Rosa (2014: 237) assinalou “que, entre os negros, as noções raciais biológicas e científicas deram lugar à concepção social e política da raça como nexos para construir solidariedades e alianças, cuja finalidade era reivindicar direitos”.

Em uma crítica à perspectiva que atribuiu ao próprio negro a responsabilidade sobre sua situação, Karl Monsma (2016) trouxe a ideia de “habitus racial” para explicar a persistência da pobreza negra no pós-Abolição nas Américas. Por meio dele naturaliza-se a pobreza, a subjugação e a dependência, percebendo-as como “consequência de deficiências internas intrínsecas – falta de ambição, de inteligência, de disposição para o

trabalho – e não como resultado das condições objetivas e do racismo dos brancos”. O habitus racial considera ainda “as formas de resistência possíveis, geralmente individuais e de pequena escala, como indícios de defeitos inerentes aos negros, mostrando que eram vagabundos, ladrões, ingratos e traiçoeiros”. Essa conceituação conversa com a ideia de “peculiaridade do africano” descrita por Thomas Holt (2005) a partir do processo de emancipação na Jamaica. Essa ideologia reforçou a imagem do negro como desordeiro, preguiçoso e incapaz de absorver as lógicas liberais e os costumes e valores morais da sociedade europeia, enfim, como “uma exceção racial às regras universais do comportamento econômico”. Contudo, Holt sublinhou a necessidade de se atentar para as lógicas internas dos sujeitos nos embates entre elites, governo britânico e afrojamaicanos e os sentidos distintos e conflituosos conferidos à liberdade, à cidadania e ao trabalho.

40 Enquanto as reivindicações não se concretizavam, todavia, era imperante combater as “sátiras mordazes” replicadas pelos pares da imprensa. O editorial de estreia solicitou o apoio “daqueles que, atreitos às pugnas jornalistas, têm já seu nome firmado em tal certame” nessa luta. De fato, levou apenas treze edições para que a primeira crítica ao jornal de maior circulação do Estado fosse registrada. Segundo Esperidião Calisto (1893): “Não é de agora; já pelas colunas da *Federação*, no tempo da monarquia, fiz sentir que conforme a alvura da pele, assim é considerado o indivíduo pelas autoridades e seus agentes”. Tuane Dihl (2017), nesse viés, assinalou a intensa arena de disputas em meio a qual múltiplas representações sobre o negro foram produzidas, em dinâmicas de exaltação/condenação moral, inclusão/exclusão no projeto republicano e de visibilidade/invisibilidade nas páginas da folha republicana. Ao lado da exaltação aos abolicionistas, dentre os quais Aurélio Viríssimo de Bittencourt, registrava-se a preocupação quanto à disciplinarização da mão de obra, momento no qual o negro era entendido como incapaz de assimilar por conta própria as novas regras de trabalho e de vida em liberdade.

Além da imprensa, Esperidião Calisto trouxe à cena outro interlocutor, qual seja, a polícia e seus agentes. Por meio de suas ações, reforçavam a visão que se tornava cada vez mais hegemônica sobre o Estado e seu povo, produzindo e legitimando desigualdades e o uso da violência contra setores à margem daquelas representações. De acordo com Cláudia Mauch (2004 e 2017), a existência de regulamentos e legislações reguladoras da polícia e dos policiais não eram o bastante para evitar condutas truculentas, pois no cotidiano da atividade policial as normas concorriam com os valores dos agentes. Como exemplo, a ação praticada contra o “cidadão” Abel da Cunha, que enquanto “recolhia-se

pacificamente para sua casa, [...] duas praças da Guarda Municipal deram-lhe voz de prisão”. Assustado, Abel saiu em disparada, sendo alvejado no braço por um dos dois tiros disparados contra ele. “É um fato revoltante e que vem provar a incompetência dos agentes da força pública no serviço de policiamento da cidade”, asseveram. Após essa denúncia, aconselharam seus “concidadãos” a “não andarem depois do toque de silêncio na rua, porque estamos sujeitos a que qualquer um guarda municipal desfeche-nos um tiro e depois diga que, ao ser-nos dada voz de prisão, recalcitramos”. Além de ironizarem a ausência de retaliação – “Sabemos que vão ser severamente punidos os autores de semelhante barbaridade” –, evidenciaram a parcialidade na maneira como a “imprensa da capital” noticiava situações com a relatada: “Para este fato de tamanha gravidade a imprensa da capital não teve uma palavra, ao passo que se a vítima fosse melhor colocada na sociedade, não faltariam comentários” (O EXEMPLO, 24/12/1893: 2).

Denúncias como essas certamente concorreram para a folha republicana deslocar sua imagem sobre *O Exemplo*: de jornal literário a porta-voz dos proletários, visão por sua vez endossada pelo *Jornal do Comércio*. Mesmo sem reivindicar tal caráter, era impossível não mencionar a situação do negro no mundo do trabalho que incluía, inclusive, a garantia de regressar em segurança para casa após as jornadas laborais. Digase de passagem, o único editorial publicado ao longo do primeiro ano de existência a mencionar a mulher referia-se justamente aos efeitos prejudiciais do aumento dos impostos pela municipalidade sobre a vida das lavadeiras, adjetivadas como “pobres mulheres” (O EXEMPLO, 22/12/1893: 1). A denúncia sobre a ação policial que acarretou na morte do cidadão Abel Cunha serviu ainda como exemplo da necessidade de “aqueles que nos negam seu auxílio” perceberem a importância de apoiarem *O Exemplo* “para, em ocasiões como esta, terem quem defenda seus direitos” (O EXEMPLO, 24/12/1893: 1). Além disso, embora se reportando à fase seguinte, Marcus Rosa postulou que “os redatores do jornal identificavam-se como negros e, ao agir assim, atribuíam sentidos particulares e positivos à própria identidade racial; entretanto, entendiam que a identificação por meio da cor nas crônicas policiais dos ‘jornais de brancos’ era uma forma de aproximação com o cativo e, portanto, com a condição de não-cidadão” (ROSA, 2014: 261).

Considerações finais

O Exemplo surgiu em um contexto de turbulência política, dentre os quais os desdobramentos da guerra civil eclodida em fevereiro de 1893 e cessada apenas em agosto de 1895. Os redatores do jornal não se furtaram do debate, tecendo duras críticas à forma como o recrutamento militar acontecia, elegendo a ação policial como alvo. A imprensa reagiu às acusações e na edição seguinte *O Exemplo* manifestou que “não tem cor política; é neutro no rigor da palavra e seu fim é a defesa dos direitos dos *homens de cor* e a pugna pelo levantamento moral de sua classe”. A “fraternidade” estava “acima dos interesses partidários” e a crítica ao procedimento dos agentes policiais se devia exclusivamente por ser uma “medida vexatória”, consoante ao que foi assinalado pelos jornais *O Fígaro* e *Cidade do Rio*, ambos do Rio de Janeiro (O EXEMPLO, 19/03/1893: 1). Isto, por sua vez, revela-nos o contato e os diálogos entretidos com a imprensa do centro do país, dentro da qual estava o jornal fundado por José do Patrocínio (PINTO, 2014).

42

Outra forma de refletirmos sobre relação d’*O Exemplo* com a imprensa parte dos vínculos de Marcílio Freitas, gerente do hebdomadário, com ela. Iniciou sua vida profissional como tipógrafo da *Folha Nova* e era membro da Sociedade Tipográfica Rio-Grandense, embrião do sindicato da categoria. Logo após fundar *O Exemplo* inseriu-se em sua diretoria e lançou uma publicação crítica à indisponibilidade de seus colegas tipógrafos se comportarem como classe e essas tensões não cessaram aí. Uma semana antes da publicação acima noticiou-se que *O Exemplo* não havia sido distribuído no último domingo em virtude do empastelamento d’*O Mercantil* (O EXEMPLO, 12/03/1893: 3). A situação se repetiu cerca de oito meses depois, mas por outra razão: uma desavença de Marcílio Freitas com o proprietário, que a esta altura trabalhava nas oficinas da referida folha, levou-o a demitir-se.

O fato é que o jornal passou a ser impresso na Tipografia do Rio Grande e depois de dois meses, com os ânimos abrandados, retornou à antiga tipografia. A mudança implicou, novamente, na não circulação da folha por mais um domingo.⁹ Depois temos notícia de que durante o afastamento de Marcílio Freitas em virtude de um “incômodo de saúde”, a impressão do periódico ficou sob responsabilidade do “inteligente artista

⁹ Ainda que somente na edição de 16 de abril informou-se em um rodapé a nova tipográfica, a partir da edição de 12 de março nota-se uma alteração gráfica no título (*O Exemplo*, 12/03/1893; 16/04/1893: 4). Deixou de circular em 18 de maio, cuja justificativa foi apresentada na edição seguinte (“O Exemplo”, *O Exemplo*, 25/05/1893: 3).

tipográfico Gustavo Pereira”, a quem agradeceu-se pelos “relevantes serviços materiais que junto à empresa do *Mercantil*, em cujas oficinas é impressa esta folha, prestou-nos na ausência daquele amigo” (A EMPRESA, 1893a). Por fim, uma edição de novembro de 1895 informou a impressão na Tipografia da Agência Literária, localizada nas imediações do escritório d’*O Exemplo*, mais exatamente no prédio de número 261 na rua dos Andradas.¹⁰ Ademais, no contexto de tensões com o proprietário da tipografia do mercantil, para não deixar dúvidas sobre sua honorabilidade, Marcílio Freitas fez um comunicado aos leitores e leitoras. Por meio dele sublinhamos ainda o importante papel pedagógico assumido pelo periódico, para o qual concorria a construção e o fortalecimento de uma nova imagem sobre negro, dissociada do escravismo e consoante aos tempos republicanos:

Para evitarmos comentários pouco lisonjeiros à minha pessoa, declaro que desde segunda-feira, 20 do corrente, deixei de ser empregado do *Mercantil*, não por motivos que me desdorem, como sejam – falta de cumprimento de deveres ou comprovada má conduta – e sim, **tão somente devido a ter deixado de imprimir O EXEMPLO** naquelas **oficinas** (A EMPRESA, 1893b, p. 2 [grifo original]).

43

Parte integrante da tese de doutorado defendida recentemente (PERUSSATTO, 2018), esperamos ter explicitado ao longo desse artigo não apenas a necessidade sentida por um grupo de jovens homens “de cor” de combater toda sorte de preconceitos contra a sua raça materializados por meio de estereótipos reproduzidos no cotidiano das relações sociais e que reverberavam nas páginas de jornais de maior circulação, mas sobretudo a maneira como valeu-se deste mesmo repertório, a imprensa, para oferecer uma outra perspectiva para seus coetâneos – e, por consequência, a possibilidade de repensarmos a própria história do Brasil republicano.

¹⁰ Por meio de um anúncio podemos conhecê-la um pouco melhor: “Esta bem montada tipografia acaba de receber, além de um bom sortimento de tipos Norte-americanos, uma máquina *Marinoni* que a habilita a executar todos dos trabalhos tipográficos, como: jornais, romances, estátuas e qualquer livro. Especialidade em cartões de visita e participações de casamentos. BREVIDADE E PREÇOS RAZOÁVEIS” (O EXEMPLO, 10/11/1895: 4 [Caixa alta original])

Fontes

- A EMPRESA (1893a). O Exemplo. *O Exemplo*, 15 out. 1893, p. 2.
_____. (1893b). O Exemplo. *O Exemplo*, 15 nov. 1893, p. 1.
- A FEDERAÇÃO (1892), 12 dez. 1892, p. 1.
- A REDAÇÃO (1892). O Exemplo. *O Exemplo*, 11 dez. 1892, p. 1.
- ANDRADE, Arthur de (1893a). Aconselhando, *O Exemplo*, 16 abr. 1893, p. 1.
_____. (1893b). Onze de dezembro. *O Exemplo*, 11 dez. 1893, p. 1.
- BRASIL (1872). Diretoria Geral de Estatística (DGE), Recenseamento Geral do Império de 1872.
- BRASIL (1898). Diretoria Geral de Estatísticas, “Sexo, Raça e Estado Civil, Nacionalidade, Filiação, Culto e Analfabetismo da População Recenseada em 31 de dezembro de 1890”. Rio de Janeiro: Oficina da Estatística, 1898.
- CALISTO, Esperidião (1893). Por um vexame. *O Exemplo*, 12 mar. 1893, p. 1.
- FREITAS, Marcílio (1928). O aparecimento d’O Exemplo, *O Exemplo*, 02 jan. 1928, p. 1.
- O EXEMPLO, 22 jan. 1893, p. 1.
_____, 12 mar. 1893.
_____, 19 mar. 1893, p. 1.
_____, 16 abr. 1893, p. 4.
_____, 25 mai. 1893, p. 3.
_____, 17 dez. 1893, p. 3.
_____, 23 dez. 1893, p. 3.
_____, 24 dez. 1893, p. 1.
_____, 04 fev. 1923, p. 1.
- RIO GRANDE DO SUL (1981), Censos do RS: 1803-1950. Porto Alegre: Fundação de Economia e Estatística, 1981.
- SILVEIRA, Oliveira (1972). Três coleções preservam jornal da comunidade negra”, *Correio do Povo*.
_____. (1992). Edição fac-similada de *O Exemplo*, 11 dez. 1892. Organizada, editada e comentada por Oliveira Silveira. Apoio: Associação Negra de Cultura. Porto Alegre: Organizações Nova Prova Gráfica e Editora Ltda., 1992.

Referências Bibliográficas

- ARAVANIS, Evangelia (2010). A industrialização do Rio Grande do Sul nas primeiras décadas da República: a organização da produção e as condições de trabalho (1889-1920). *Revista Mudos do Trabalho*, vol. 2, n. 3, pp. 148-180, jan./jul.
- BANTON, Michael (1979). *A ideia de raça*. Lisboa: Edições 70.
- BASTIDE, Roger (1983). A imprensa negra do Estado de São Paulo. In: _____. *Estudos Afro-brasileiros*. São Paulo: Perspectiva.
- BITTENCOURT, Dario de (1958). *Curriculum vitae* – documentário (1901/1957). Porto Alegre: Ética Imprensa Ltda.
- CAPELATO, Maria Helena & PRADO, Maria Ligia (1980). *O Bravo Matutino: imprensa e ideologia no jornal O Estado de S. Paulo*. São Paulo: Alfa-Omega.

- CHALHOUB, Sidney & PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda (Orgs.) (1998). *A história contada: capítulos de história social da literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- CHALHOUB, Sidney (2003). *Machado de Assis: historiador*. São Paulo: Companhia das Letras.
- DARNTON, Robert (1995). *O Beijo de Lamourette: mídia, cultura e revolução*. São Paulo: Companhia das Letras.
- DIHL, Tuane Ludwig (2017). *Plurais (in)visibilidades: representações republicanas sobre o negro (jornal A Federação – RS, 1884-1903)*. Dissertação (Mestrado em História). Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo.
- DOMINGUES, Petrônio (2007). Movimento Negro Brasileiro: alguns apontamentos históricos. *Tempo*, Rio de Janeiro, n. 23, pp. 100-122.
- ELMIR, Cláudio Pereira (1995). Armadilhas do jornal: algumas considerações metodológicas de seu uso para a pesquisa histórica. *Cadernos PPG em História da UFRGS*, Porto Alegre, pp. 19-29, dez.
- _____. (2012). Uma aventura com o *Última Hora*. O jornal e a pesquisa histórica. *Anos 90*, Porto Alegre, vol. 19, n. 36, pp. 67-90, dez.
- FERRARA, Mirian Nicolau (1981). *A imprensa negra paulista, 1915-1963*. Dissertação (Mestrado em Antropologia). Universidade de São Paulo, São Paulo.
- GOMES, Flávio (2005). *Negros e Política: (1888-1937)*. Rio de Janeiro: Editora Zahar.
- HOHLFELDT, Antonio (2007). A imprensa (1870-1930). In: REKZIEGEL, Ana Luiza & AXT, Guinter (Orgs.). *República - República Velha (1889-1930)*, vol. 3, t. 2. Coleção: *História Geral do Rio Grande do Sul*. Passo Fundo/RS: Méritos, pp. 313-325.
- HOLT, Thomas (2005). A essência do contrato: a articulação entre raça, gênero sexual e economia política no programa britânico de emancipação, 1838-1866. In: Cooper, Frederik; Holt, Thomas; SCOTT, Rebecca (Orgs.). *Além da escravidão: investigação sobre raça, trabalho e cidadania em sociedade pós-emancipação*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, pp. 91-129.
- LEITE, José Correia (1992) ...*E disse o velho militante José Correia Leite: depoimentos e artigos Organização e textos: Luiz Silva Cuti*. São Paulo: Secretaria Municipal de Cultura.
- LIMA, Ivana Stolze (2003). *Cores, marcas e falas: sentidos da mestiçagem no Império do Brasil*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional.
- LUCA, Tânia Regina de (2005). História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanzi (Org.). *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, pp. 111-153.
- LUSTOSA, Isabel (2000). *Insultos impressos: a guerra dos jornalistas na Independência (1821-1823)*. São Paulo: Cia das Letras.
- MAUCH, Cláudia (2004). *Ordem pública e moralidade: imprensa e policiamento urbano em Porto Alegre na década de 1890*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC/ANPUH-RS.
- _____. (2017). *Dizendo-se autoridade: polícias e policiais em Porto Alegre, 1896-1929*. São Leopoldo: Oikos.
- MONSMA, Karl (2016). *A reprodução do racismo: fazendeiros, negros e imigrantes no oeste paulista, 1880-1914*. São Carlos: EdUFSCar.
- MOREIRA, Paulo Roberto Staudt (2009). *Entre o deboche e a rapina: Os cenários sociais da criminalidade popular (Porto Alegre - século XIX)*. Porto Alegre: Armazém Digital.
- MÜLLER, Liane Susan (2013). *As contas do meu rosário são balas de artilharia*. Porto Alegre: Pragmatha.

- OLIVEN, Ruben (1996). A invisibilidade social e simbólica do negro no Rio Grande do Sul. In: LEITE, Ilka Boaventura (Org.). *Negros no Sul do Brasil: invisibilidade e territorialidade*. Florianópolis: Letras Contemporâneas.
- PEREIRA, Amílcar Araújo (2013). *O Mundo Negro: relações raciais e a constituição do movimento negro contemporâneo no Brasil*. Rio de Janeiro: Pallas/FAPERJ.
- PERUSSATTO, Melina Kleinert (2018). *Arautos da liberdade: educação, trabalho e cidadania no pós-abolição a partir do jornal O Exemplo de Porto Alegre (c. 1892-c.1911)*. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- PESAVENTO, Sandra Jathay (1989). *Emergência dos subalternos: trabalho livre e ordem burguesa*. Porto Alegre: Editora da UFRGS/FAPERGS.
- _____. (1990). *O cotidiano da República: elites e povo na virada do século*. Porto Alegre: Editora da UFRGS.
- PINTO, Ana Flávia Magalhães (2010). *Imprensa negra no Brasil do século XIX*. São Paulo: Selo Negro.
- _____. (2014). *Fortes laços em linhas rotas: literatos negros, racismo e cidadania na segunda metade do século XIX*. 326 f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
- _____. (2015). Revisitando *O Exemplo*: a imprensa negra e os vários sentidos da liberdade. In: SILVA, Fernanda Oliveira da; PERUSSATTO, Melina Kleinert; WEIMER, Rodrigo de Azevedo & SILVA, Sarah Calvi Amaral (Orgs.). *Ciclo de debates sobre o jornal O Exemplo: temas, problemas e perspectivas*. Porto Alegre: IHGRGS, pp. 19-24.
- RIOS, Ana Lugão; MATTOS, Hebe Maria (2004). O pós-Abolição como problema histórico: balanços e perspectivas. *Topoi*, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 8, pp. 170-198, jan./jun.
- ROSA, Marcus Vinícius de Freitas (2014). *Além da invisibilidade: história social do racismo em Porto Alegre (1884-1918)*. Tese (Doutorado em História). Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
- SANTOS, José Antônio dos (2003). *Raiou A Alvorada: intelectuais negros e imprensa*. Pelotas: Editora da UFPel
- _____. (2011). *Prisioneiros da história: Trajetórias intelectuais na imprensa negra meridional*. Tese (Doutorado em História). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- SILVA, Nauber Gavski da (2010). *Vivendo como classe: as condições de habitação e alimentação do operariado porto-alegrense entre 1905 e 1932*. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- SILVEIRA, Oliveira (2012). *Obra reunida*. Organizado por Ronald Augusto. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro/CORAG.
- THOMPSON, E. P. (1981). *A miséria da teoria ou um planetário de erros: uma crítica ao pensamento de Althusser*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores.
- _____. (1998). *Costumes em Comum*. São Paulo: Companhia da Letras.
- WADE, Peter (1993). “Race”. *Nature and Culture*. *Man, New Series*, vol. 28, n. 1, pp. 17-34, mar.
- _____. (2000). *Raza y etnicidad en Latinoamérica*. Quito: Ediciones Abya-Yala.
- XAVIER, Regina Celia Lima (2013). Raça, classe e cor: debates em torno da construção de identidades no Rio Grande do Sul no pós-Abolição. In: FORTES, Alexandre et al. (Orgs.). *Cruzando Fronteiras: novos olhares sobre a história do trabalho*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, pp. 103-131.

ZUBARÁN, Maria Angélica (2015). História, acervo e protagonismo negro no jornal *O Exemplo* (1892-1930). In: SILVA, Fernanda Oliveira da; PERUSSATTO, Melina Kleinert; WEIMER, Rodrigo de Azevedo & SILVA, Sarah Calvi Amaral (Orgs.). *Ciclo de debates sobre o jornal O Exemplo: temas, problemas e perspectivas*. Porto Alegre: IHGRGS, pp. 07-18.

Artigo recebido em 15 de abril de 2018.

Aprovado em 28 de maio de 2018.

DOI:10.12957/intellectus.2018.36014